

## BENDITOS DA IGREJA DA LAPA COMO ELEMENTOS DE REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE SERTANEJA

Gisele Rocha da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo é resultado de estudos sobre a representação identitária na literatura brasileira, tendo como foco os benditos cantados pelos romeiros que visitam o Santuário do Bom Jesus da Lapa, ponto de partida para o trabalho de conclusão do curso de pós-graduação, nível especialização, em estudos linguísticos e literários. Benditos são cantos religiosos populares, cantados pelas populações ribeirinhas e do sertão. E no santuário do Bom Jesus da Lapa, localizado na cidade de mesmo nome, esses cantos fazem parte do repertório tanto dos romeiros quanto da liturgia da igreja. Da análise de benditos recolhidos concluiu-se que eles se encaixam como poesia oral e fazem parte da performance do romeiro e são ferramentas para a sobrevivência dessa tradição no sertão.

**Palavras-chave:** Identidade sertaneja – Santuário do Bom Jesus da Lapa – Benditos – Literatura Oral - Performance

### Introdução

Os estudos sobre cultura e identidade estão ganhando cada vez mais espaço no meio acadêmico. Conceituando identidade, Ortiz (1994) e Bernd (1993) citam a conclusão a que Claude Lévi-Strauss chegou após um seminário sobre a noção de identidade. Segundo estes autores, o etnógrafo estruturalista a definiu como “uma entidade abstrata sem existência real, muito embora fosse indispensável como ponto de referência”. Algo que também não é empírico, isto é, referências como cor da pele, sexo ou raça não são suficientes para determinar os traços identitários de homens, mulheres ou de um povo. Já Munanga cita Castells para ir um pouco além da definição de Lévi-Strauss: “a identidade é um processo de construção de sentido, a partir de um atributo cultural, ou de um conjunto coerente de atributos culturais, que recebe prioridade sobre as outras fontes” (MUNANGA, 2006 apud CASTELLS, 1999) e acrescenta que todas as

---

<sup>1</sup> Especialista em Estudos linguísticos e literários pela Universidade do Estado da Bahia – Uneb, campus XXIV, Xique-xique.  
email: [jornalismo\\_gisele@yahoo.com.br](mailto:jornalismo_gisele@yahoo.com.br)



identidades são elaboradas a partir de experiências históricas, influências biológicas e geográficas, “fantasmas pessoais” e legados da memória coletiva. Todos esses materiais são levados em conta pela antropologia, segundo Munanga (2006), na formação de uma identidade. Não é algo com a qual nascemos, mas construímos ao longo da existência no interior da representação (HALL, 2000). A maioria das pesquisas trata ora da construção de identidades nacionais, ora das identidades de minorias – questões como gênero, raças e classes sociais.

Entretanto, a própria conceituação de identidade ainda está em construção, assim como as diversas identidades. As ciências humanas, principalmente nos estudos literários, passaram a dar destaque a partir da década de 60, em que literaturas suprimidas ao longo do tempo se recusaram ao tratamento periférico e marginal e começaram a reivindicar espaço dentro dos campos da literatura hegemônica (BERND, 1996). E a literatura tem exercido papel fundamental para a consolidação desses estudos. Ainda segundo Bernd (1996), “a construção da identidade é indissociável da narrativa e consequentemente da literatura”.

Os estudos sobre representação identitária na literatura são o ponto de partida para a análise dos benditos, cantos populares tradicionais no Santuário do Bom Jesus da Lapa. A ótica deste artigo é como o romeiro do Bom Jesus se expressa através das letras dos benditos.

Desde o princípio, é perceptível que os benditos cantados pelos romeiros que visitam o Santuário do Bom Jesus da Lapa manifestam identidades, principalmente a do sertanejo que, em conjunto com outros traços identitários, como a cultura do local de origem de cada visitante, a classe social a qual pertence, gênero, raça e idade, os rituais canônicos e a influência do catolicismo popular, compõem o conjunto performático do romeiro do Bom Jesus da Lapa mantendo as tradições do sertão.

### **O Santuário do Bom Jesus da Lapa: a Meca do Sertão<sup>2</sup>**

Localizada no centro-oeste baiano, na região do Médio São Francisco, a 840 km de Salvador, Bom Jesus da Lapa possui uma população de 63.480 habitantes (IBGE, 2010). A cidade é palco de uma das mais importantes festas religiosas do país. Sua origem se confunde, em grande medida, com a do Santuário que lhe deu nome e seu

---

<sup>2</sup> Expressão utilizada por Euclides da Cunha para descrever o Santuário do Bom Jesus da Lapa no livro *Os Sertões* (2011).

desenvolvimento até hoje está diretamente ligado à organização e ao crescimento do turismo religioso local.

O Santuário do Bom Jesus da Lapa está inserido no contexto religioso nacional, perdendo, em número de romeiros, de acordo com o que é divulgado pelos próprios administradores do santuário, apenas para os santuários de Nossa Senhora Aparecida, no Estado de São Paulo, e de Padre Cícero, em Juazeiro do Norte, no Ceará. Todos os anos, o lugar recebe entre 1,5 milhão e dois milhões<sup>3</sup> de peregrinos oriundos de vários Estados brasileiros, principalmente, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo e Goiás. Tamanha notoriedade fez com que Bom Jesus da Lapa recebesse o título de “Capital Baiana da Fé”.

O Santuário do Bom Jesus da Lapa existe há mais de três séculos. O seu desenvolvimento está extremamente ligado com o crescimento populacional do sertão. E apesar de ser um centro religioso católico, visto que desde o início do movimento religioso nas grutas a Igreja tomou posse do local com a justificativa de catequizar os visitantes e ministrar os sacramentos para quem vinha de longe (BARBOSA, 1995), hoje, se pode visualizar o santuário como um monumento do catolicismo popular. São as danças, cantos, benditos, congadas, tradições<sup>4</sup> que não fazem parte da ritualística católica romana, mas que estão enraizadas no jeito do povo de viver sua fé. Segundo Passos (2011), “O olhar sobre as práticas religiosas revela múltiplas dimensões. O catolicismo popular brasileiro guarda basicamente três vertentes pastorais - a tradicional, a reformada e a renovada”.

Até chegarmos a essas vertentes foram séculos de conflitos e assimilação cultural. O catolicismo popular, porém, encontrou muita resistência por parte do clero, principalmente pela absorção dos rituais profanos aos religiosos. Cantar, dançar, oferecer objetos e até alimento aos santos como forma de agradecimento eram consideradas ofensas pelos padres católicos. Em Steil (2013), é possível verificar o quanto essa dualidade entre catolicismo popular e catolicismo canônico é motivo de conflito entre clero e fieis até hoje. Por um lado, a igreja admira o romeiro, porém, reprova o caráter supersticioso de suas práticas. Em Barbosa (1995), vários relatos de conflitos pela administração do santuário ou sobre sacerdotes que condenavam certas

---

<sup>3</sup> Os dados são uma estimativa dos padres que administram o Santuário.

<sup>4</sup> “cantos populares da tradição oral, cantados em novenas, terços e procissões. Estas canções representam uma das mais antigas manifestações do catolicismo popular que ainda se conservam em algumas comunidades, principalmente interioranas e rurais, do nordeste brasileiro.” (FROZONI, 2012)

devoções dos visitantes são encontrados. Contudo, durante a pesquisa de campo no santuário do Bom Jesus da Lapa, foi percebido que hoje a igreja tomou consciência de que o local é um centro de manifestação da cultura popular e tenta adaptar sua liturgia às tradições dos romeiros, incluindo os benditos nas celebrações e até incentivando a visita de grupos de Folias de Reis. Anualmente, a igreja promove o concurso de ternos e reisados e, durante o período das romarias – julho a outubro, quando algum grupo folclórico visita as grutas, os padres sempre cedem espaço para suas apresentações.

Para a compreensão de como o Santuário do Bom Jesus tomou essa proporção e se tornou ícone do catolicismo sertanejo, é necessário apresentar um pequeno relato histórico do lugar. Das diversas versões da origem, a Igreja adotou como oficial a do jovem que abandonou a vida profana para viver recluso na gruta. Apresentada no livro de Antônio Barbosa (1995) traz como fundador do culto o português Francisco de Mendonça Mar que teria encontrado o lugar às margens do rio São Francisco, onde passou a viver em reclusão e penitência a Deus, em 1691.

Há três séculos, bandeirantes que viajavam pelo rio São Francisco rumo às Minas Gerais passaram a aportar na Gruta localizada à margem do rio onde vivia um homem vestido com túnica que fizera daquele um lugar de oração. Um crucifixo e uma imagem de Nossa Senhora eram as “companhias” de Francisco que havia partido de Salvador, desiludido após não receber pelo trabalho de pintar o palácio do Governador Geral, e caminhado cerca de nove léguas sertão adentro até encontrar o morro de calcário às margens do rio São Francisco. Os viajantes passaram a divulgar a história do monge que vivia numa gruta atraindo cada vez mais pessoas. Na maioria, doentes e escravos fugidos que buscavam proteção divina e cura para as mazelas do corpo e da sociedade. Por isso, o desenvolvimento do culto ao Bom Jesus da Lapa e a Nossa Senhora da Soledade que “moravam” numa caverna no meio do sertão está fortemente ligado à relação do Cristo humilde que acolhe e conforta os pobres e desfavorecidos socialmente. O santo que retrata as dores e o sofrimento de um povo oprimido pelas condições sociais de sua existência. Para Bastos Alves (1993), “o Bom Jesus se apresenta para o romeiro como um amigo, ou seja, alguém que conhece e participa do seu dia a dia, portanto capaz de compreendê-lo e protegê-lo”.

Ainda de acordo com o relato de Barbosa (1995), ao saber do movimento de peregrinação que ganhava força no meio do sertão, a Igreja Católica enviou um representante com a finalidade de verificar o que realmente acontecia no lugar. Concluindo de que se tratava de uma manifestação crescente e não efêmera, convocou o

monge Francisco a retornar a Salvador para receber a formação sacerdotal e oficializou a gruta como capela. Antes de se tornar um local de peregrinação, o morro da Lapa pertencia à fazenda Morro (ou Itaberaba) de propriedade da família de Antônio Guedes de Brito, o Conde da Ponte. Assim como todo o sertão, era habitada apenas pelos currais de gado e alguns escravos e funcionários que tomavam conta dos rebanhos. Além disso, havia índios na região. Enfim, os primeiros que souberam da existência do monge que trouxe as duas imagens consigo, foram aqueles que já viviam nas proximidades, ou seja, vaqueiros e escravos. Por outro lado, os bandeirantes foram os responsáveis pela disseminação da história, pois o santuário surgiu na época em que a exploração da mineração despontou como principal atividade da coroa portuguesa e o rio São Francisco era o elo entre a capital da Colônia – Salvador e as Minas Gerais.

Outro fator que também contribuiu para dar toda a mística ao santuário é o fato de estar localizado dentro de um monumento natural. A gruta fez parte como ambiente cultuado nas origens do santuário e ainda hoje é um dos principais elementos do culto. Segundo Steil (1996), ir até a Lapa também é um ritual topográfico em busca da fonte, do sentido, do fim principal para a existência humana. Por conseguinte é um ato performativo, pois reinventa a natureza como um lugar de manifestação do sagrado.

Dentro do santuário ocorrem ritos paralelos à programação litúrgica, aos pés do altar do Bom Jesus da Lapa. Romeiros cumprem promessas cantando e dançando benditos e congadas com os tradicionais reisados e folias de reis. Cantos trazidos pelos portugueses que ganharam contornos brasileiros e foram adotados pelos sertanejos como expressão máxima de sua cultura e religiosidade.

Afinal, sua conformação e seu estabelecimento como lugar de culto ao Bom Jesus da Lapa e à Nossa Senhora da Soledade, e mais, como *hierópolis*, estão intimamente relacionados tanto às raízes históricas do país como também à realidade geoclimática do sertão, às suas características socioculturais e, sobretudo, ao *modus vivendi* do povo sertanejo. (FROZONI, 2012)

A cultura popular também se manifesta no catolicismo na forma como o romeiro se relaciona com o Bom Jesus da Lapa. Para eles, o santo é santo, assim como os demais santos da Igreja Católica e não tem uma relação direta com a pessoa divina de Jesus Cristo, relatada na Bíblia, como consideram Frozoni (2012) e Steil (1996). Porém, mais adiante, quando aprofundarmos a questão dos benditos, veremos que grande parte desses cantos possui dimensão bíblico-catequética.

## Memória e performance<sup>5</sup> na tradição dos benditos

As diversas práticas culturais populares estão em constante movimento. Nesse caminho, é necessário buscar as formas de preservação e manifestação dessas tradições. Considerando-se que o entendimento da cultura é o entendimento de sua dinâmica, a cultura popular está permeada por múltiplos atores, lastreada de continuidades/descontinuidades, contraposta por historicidades diversas. Sua compreensão não se restringe ao acervo de coisas, objetos, produtos ou realidades. Ela é um processo vivenciado no seio da sociedade, por um conjunto de práticas dispersas. Comporta uma riqueza de maneiras de fazer, atualizar e expressar - recriadas e reinventadas em suas formas. (PASSOS, 2011)

Os benditos, segundo Câmara Cascudo (2001), em seu Dicionário do Folclore Brasileiro são o “canto religioso com que são acompanhadas as procissões e, outrora, as visitas do Santíssimo. Denomina o gênero o uso da palavra *bendito* (grifo do autor), iniciando o canto, uníssono.”

Os benditos estão presentes no Santuário do Bom Jesus da Lapa em todos os momentos, desde as apresentações de grupos folclóricos e folias de reis, organizando de maneira simples com a própria caravana, até na liturgia das celebrações. O canto mais popular, a música que melhor representa o movimento religioso que acontece nesse lugar é um bendito: o Bendito da Igreja da Lapa, um hino extraoficial, cuja letra “A Igreja da Lapa é feita de pedra e luz/Vamos todos visitar o Senhor Bom Jesus” é cantada por todo e qualquer peregrino que chega às grutas.

A tradição dos benditos é antiga e assim como outros rituais que fazem parte da performance do romeiro do Bom Jesus, característicos do sertão, assim como o próprio santuário e a sua religiosidade o são. “Ao que nos parece, pensar o sertão a partir de sua religiosidade significa reconhecer que este é um elemento fundamental da vida do sertão, que configura e caracteriza o povo sertanejo enquanto tal.” (FROZONI, 2012)

As romarias de Bom Jesus da Lapa são tradições reinventadas por romeiros, pelo clero e por todas as categorias de visitantes que chegam a Lapa. A formalização desses ritos, com referências ao passado, àquilo que já se viveu ou sempre existiu, independente se foi um processo natural ou de imposição, legitimam o comportamento

---

<sup>5</sup> Trata-se aqui como performance o conjunto de rituais desempenhados pelos romeiros que visitam o Santuário do Bom Jesus da Lapa. Isso inclui o roteiro de passeios e como é realizada a visita à gruta: participação litúrgica, cumprimento dos votos, visitação aos altares, distribuição de esmolas e a apresentação de benditos e orações cantadas. Zumthor (2007) que dá o conceito de performance; Steil (1996; 2013) e Frozoni (2012) também utilizam o termo em referência às tradições dos peregrinos.

adotado pelo peregrino (HOBSBAWN, RANGER, 1984). A cantoria dos benditos como ritual típico de quem visita o santuário, é uma dessas tradições que se reinventam ao longo do tempo, ao conseguir se adaptar às transformações sociais e culturais aproveitando dos meios de comunicação para sua documentação, inclusive de onde partiram os benditos que serão apresentados a seguir.

Os benditos são cantos muito populares na região do Sertão de estrutura parecida iniciando, geralmente, com o “Bendito e louvado seja” e encerrando com “Ofereço esse bendito” e pertencentes ao gênero canção (FROZONI, 2012). Existem benditos para os santos e para determinados momentos de uma comunidade. É possível encontrar cantos dedicados a pedir chuva, para agradecer a uma determinada graça, de louvor. Frozoni (2012) apresenta a teoria de que existem os cantos próprios para a saída de casa, para a viagem de ida, indicados para cantar na chegada ao Santuário, durante a passagem e os benditos de despedida. Em sua pesquisa para o mestrado, Frozoni (2012) abordou benditos em sua letra e musicalidade, defendendo a opinião de que não é possível realizar uma análise sem levar em conta as partes que compõem o canto. Nesse artigo, porém, o foco está concentrando apenas no que as letras dizem. Os benditos aqui são vistos como produtos da literatura oral, onde autos populares como as danças dramáticas, as jornadas pastoris, as louvações de lapinhas, bumba-meu-boi, congos, fandangos e reisados e outras manifestações que sofrem interferência da memória coletiva e resistem de forma fragmentada são considerados Literatura Oral, segundo conceito de Câmara Cascudo (2006).

Provavelmente, os benditos estão presentes nos hábitos dos romeiros desde o início do culto ao Bom Jesus da Lapa. E foram sobrevivendo ao longo de três séculos de tradição, ganhando novas canções, novas letras. Um indício da importância desses cantos para os ritos populares é o Bendito da Igreja da Lapa, a canção mais famosa do Santuário. Mesmo quem nunca visitou o Santuário, já ouviu falar do lugar através da canção.

A letra do “Bendito da Igreja da Lapa” foi retirada do livrinho Catecismo dos Romeiros – Benditos de Romaria e Orações Populares, de Minelvino Francisco Silva. É um canto de domínio popular e existem variações que circulam entre os romeiros.

*A igreja da Lapa*

*Foi feita de pedra e luz*

*Vamos todos visitar*

*Meu Senhor Bom Jesus*

*Senhor Bom Jesus da Lapa*

*Protege os necessitados*

*Ele dá esmola aos cegos*

*E aos pobres aleijados*

*Somos romeiros de longe*

*E a fé é que nos conduz*

*Vamos todos para a Lapa*

*Visitar o Bom Jesus*

*Senhor Bom Jesus da Lapa*

*Aceitai essa romaria*

*Sou romeiro de longe*

*Não posso vir todo dia*

*Senhor Bom Jesus da Lapa*

*Deus eterno e verdadeiro*

*Jesus Cristo é o rei da glória*

*Salvador do mundo inteiro*

*Quando eu saí da Lapa*

*Avistei a Santa Cruz*

*Da Lapa saí chorando*

*Com saudade do Bom Jesus*

*Ofereço este bendito*

*Para o Senhor daquela Cruz*

*Na intenção desses romeiros*

*Do meu Senhor Bom Jesus*

Em estrofes de quatro versos com repetição dos dois últimos, este bendito é, sem dúvida alguma, a canção mais popular sobre o Bom Jesus da Lapa e mais conhecida até do que o hino escrito a pedido da Igreja Católica em honra ao santo. Seus versos fazem uma exaltação às características marcantes do lugar dando conotação divina ao relacionar luz e pedra. É o diferencial geográfico como já fora abordado no tópico anterior. Fala também da dificuldade em chegar a Lapa, ressaltando que só é possível fazer tal viagem pela fé e que também não é algo possível de se fazer todos os dias. A letra caracteriza o romeiro como humilde e o Bom Jesus como aquele que protege os necessitados. Por último, fala sobre o quanto é doloroso despedir-se do Santuário dando a entender que existe, sim, um Jesus físico que mora no Santuário, onde a Lapa é o centro e a concretização de algo maior do que as forças terrenas em que o santo dá sentido, sustentação e ampliação de movimentos periféricos (STEIL, 1996).

O retrato de um romeiro que vem de longe e tem uma vida sofrida é relatado em grande parte dos benditos. É o caso de “Eu sou cantor, eu sou romeiro”, bendito atribuído a Minelvino Francisco e cantado durante as celebrações litúrgicas do Santuário.

*Para visitar o Bom Jesus*

*Eu já forrei o meu chapéu*

*Eu sou cantor, eu sou romeiro*

*Viva Jesus Cristo, lá no céu*

*Romeiro do Bom Jesus*

*Não temas dormir ao léu*

*Eu sou cantor, eu sou romeiro*



*Viva Jesus Cristo lá no céu*

*Um anjo me acompanha*

*Todo coberto de véu*

*Eu sou cantor, eu sou romeiro*

*Viva Jesus Cristo lá no céu*

*Rompendo toda poeira*

*Ouçó o cantar do tetéu*

*Eu sou cantor, eu sou romeiro*

*Viva Jesus Cristo lá no céu*

*Com fé no meu Bom Jesus*

*Não me tornarei um réu*

*Eu sou cantor, eu sou romeiro*

*Viva Jesus Cristo lá no céu*

*Eu enfrento o sofrimento*

*Sem fazer mesmo escarcéu*

*Eu sou cantor, eu sou romeiro*

*Viva Jesus Cristo lá no céu*

*Sou pequenino na fé*

*Sou pobre, um tabaréu*

*Mas eu sou cantor, eu sou romeiro*

*Viva Jesus Cristo lá no céu*

O bendito descreve o perfil do romeiro como aquele que usa o chapéu<sup>6</sup>, que enfrenta o sofrimento e também se refere às dificuldades do cotidiano e da viagem sem ter medo de dormir ao relento. Na última estrofe vem, mais uma vez, destacar a questão da pobreza e da vida simples (ao caracterizar o romeiro como um “tabaréu”). Em todo o texto, porém, define o romeiro como cantor. Nesse sentido, sugere ser algo totalmente relacionado ao fato de apresentar os benditos durante o trajeto até a Lapa e aos pés do Bom Jesus, aquele que canta seus louvores na sua comunidade e usa a música como oração durante seu trajeto até a Lapa.

As letras, geralmente, ressaltam a dificuldade em vir até o Santuário, mas afirmam ser uma viagem necessária, uma espécie de sina de todo devoto do Bom Jesus, algo presente em obras da literatura nacional, como Guimarães Rosa e Euclides da Cunha<sup>7</sup>. Por outro lado, a tradição de vir até a Bom Jesus da Lapa é como se fosse uma utopia, algo a ser alcançado pela própria motivação de que a pessoa se coloque em movimento (STEIL, 1996).

---

<sup>6</sup> É costume de quem visita o santuário usar um chapéu forrado de tecido branco e ornado com fita verde. Não se sabe quando esta tradição teve início, mas no Museu do Santuário há imagens do início do século XX com pessoas usando o famoso chapéu. Hoje, esta é uma das características que formam a identidade do romeiro do Bom Jesus da Lapa.

<sup>7</sup> Bastos Alves (1993) e Steil (1996) defendem os estudos sobre o movimento de Canudos através das obras de Guimarães Rosa e Euclides da Cunha como fonte para se compreender a manifestação religiosa da Lapa, por trazer valores e o espírito que estão no centro da cultura sertaneja, da qual o santuário do Bom Jesus da Lapa faz parte.

E como o Santuário do Bom Jesus da Lapa é um ícone da fé do sertanejo, não seria estranho encontrar símbolos de devoção a santos e beatos populares do sertão. O culto ao Bom Jesus não abrange a todos os estados da região Nordeste do Brasil. Em Pernambuco, no Rio Grande do Norte, Paraíba, Ceará e Maranhão o lugar para onde se deve fazer romaria é Juazeiro do Norte, local em que está localizado o Santuário de Padre Cícero. Mesmo que Lapa não tenha nenhum altar em honra ao “Padim” e a santos como Santo Antônio, São Pedro e São João Batista, é possível encontrar grupos de visitantes entoando benditos oferecidos a esses santos, como no “Bendito da Estrela do Céu”, também documentado no livro de Minelvino Francisco.

*Lá no céu tem uma estrela  
Que clareia o mundo inteiro  
Clareia as nossas estradas  
Clareia os vossos romeiros*

*Meu padrinho Padre Cícero  
Protetor de Juazeiro  
Clareia as nossas estradas  
Clareia os vossos romeiros*

*Senhor Bom Jesus da Lapa  
Santo forte e verdadeiro  
Clareia as nossas estradas  
Clareia os vossos romeiros*

*Santo Antônio de Lisboa  
O santo casamenteiro  
Clareia as nossas estradas  
Clareia os vossos romeiros*

*Nossa Senhora da Guia  
Com seu tão lindo cruzeiro  
Clareia as nossas estradas  
Clareia os vossos romeiros*

*São Cristóvão e São Francisco  
Também São Jorge Guerreiro  
Clareia as nossas estradas  
Clareia os vossos romeiros*

*Frei Francisco da Soledade  
Que é nosso padroeiro  
Clareia as nossas estradas  
Clareia os vossos romeiros*

*Ofereço este bendito  
Ao nosso Pai Verdadeiro  
Clareia as nossas estradas  
Clareia os vossos romeiros*

O bendito traz os santos de devoção lembrados ou não no Santuário, mas reverenciados nas comunidades de origem dos romeiros. O canto tem estrofes de quatro versos sendo que os dois primeiros listam os santos populares e os dois últimos sempre se repetem. A cada nova estrofe um santo é lembrado. O primeiro homenageado é o Bom Jesus da Lapa, o dono do Santuário. Depois, pede-se a Nossa Senhora da Guia proteção

para a viagem. Em seguida, Frei Francisco da Soledade, tido como o primeiro romeiro do Bom Jesus, aquele que trouxe e introduziu a imagem do crucificado na gruta. Daí são lembrados Santo Antônio de Lisboa, o casamenteiro, São Cristóvão, São Francisco<sup>8</sup> e São Jorge, santos bastante populares do catolicismo brasileiro.

Por último, são apresentados os benditos ordinários (FROZONI, 2012), que cantam e contam a romaria, desde a motivação para viagem, os preparativos para a peregrinação, qual a rotina durante a estadia em Bom Jesus da Lapa, quais as obrigações do devoto, as histórias de milagres, em suma, a performance do romeiro.

Ainda do livro de Minelvino Francisco Silva, o Catecismo dos Romeiros, o “Bendito do romeiro que ressuscitou” último bendito analisado neste trabalho, classificado como ordinário, catequético e também ferramenta da memória. O canto relata uma história do Romeiro que Ressuscitou, uma lenda bastante popular em Bom Jesus da Lapa.

O bendito também não obedece à estrutura comum dos benditos. O mais interessante é que traz o relato de um dos milagres mais populares no Santuário do Bom Jesus. Steil (1996) traz a lenda contada por romeiros de procedência diversa, coletados durante sua pesquisa realizada no período entre 1990 e 1993. Os relatos discordam do bendito apenas em quem adoece e quem precisa do milagre. Enquanto no bendito é o homem que morre e ressuscita para auxiliar a esposa a cumprir a sua promessa, Steil apresenta a versão em que é a mulher que “revivesce” para ajudar o marido a prosseguir a viagem<sup>9</sup>. Essa questão de uma mesma história recontada em diferentes versões com alterações, acréscimos e supressões às vezes quase imperceptíveis seriam reflexos das armadilhas da memória apresentadas por Ferreira (1991) onde “um trânsito não interrompido de versões míticas, populares, não populares, que recontam em diferentes

---

<sup>8</sup> Existem muitos São Franciscos venerados pela Igreja Católica. O bendito não especifica a qual Francisco é feita a reverência, mas, pela relação com os mais pobres e a lição de humildade e de abdicação aos luxos do mundo, provavelmente, o santo do bendito é São Francisco de Assis, o que inspirou, inclusive, o nome do rio.

<sup>9</sup> “Uma mulher veio e chegou na Lapa. Quando foi véspera do dia de voltar, ela morreu. O marido pediu ao Bom Jesus para ‘viver’ a mulher dele. Como é que ele podia ir só, sem a companheira para levar as crianças? Então, foi ao cemitério e encontrou a mulher em cima da sepultura. Ele voltou e foi conversar com os padres. Reuniram todos os padres e os bispos e o arcebispo e foram ao cemitério. Quando chegaram lá, eles mandaram retirar a pedra da cabeça da mulher e ela estava do mesmo jeitinho que era. Só não fazia conversar. Então ela foi para o pouso pra fazer comida. Mas primeiro o marido fez ela tirar a roupa e levar ao Bom Jesus, porque tinha feito a promessa de que se ela revivescesse, tirava a roupa com que foi sepultada, levava e botava na igreja do Bom Jesus. Depois ela montou no cavalo e foi para casa, mas sem conversar. Quando chegava no ponto de pouso, ela apeava, fazia o almoço, dava banho nos meninos, dava de comer ao marido e aos filhos. Mas ela sem comer e sem conversar. Foi com isso até quando chegou em casa. Então, quando o marido pôs a mão nela para ajudar a apear, viu que estava morta sobre o animal. Do mesmo jeitinho, pôs ela pra dentro de casa, vestiu, fez a sentinela e sepultou. O Bom Jesus deu aquele poder para ela levantar e ir com ele até chegar na casa.” (STEIL, 1996)

possibilidades expressivas, e sob os mais diferentes suportes, prosa e verso, por oral ou escrito, a mesma estória”.

*Quando não tinha rodagem*

*Uma senhora devia*

*Uma promessa a Jesus*

*Que muito tempo fazia*

*Ela chamou o esposo*

*Se puseram a viajar*

*Para Bom Jesus da Lapa*

*Sua promessa pagar*

*Dormiram na travessia*

*O homem adoeceu*

*Quando foi a meia-noite*

*O pobre homem morreu*

*Aquela pobre romeira*

*Fez com fé uma oração*

*Ao Bom Jesus que o marido*

*Levante e disse estou são*

*Dali seguiram para a Lapa*

*Sua promessa pagou*

*Passou por lá uns três dias*

*Depois com ele voltou*

*A diferença é que o homem*

*Não comia e nem bebia*

*Quando falava com ele*

*Apenas só respondia*

*Assim que chegaram em casa*

*Pra contar o que aconteceu*

*O pobre homem da porta*

*Caiu no chão e morreu*

*Ninguém deve duvidar*

*Dos milagres de Jesus*

*Que Ele é a verdade e a vida*

*Ele é o caminho e a luz*

Estes são apenas alguns benditos cantados que fazem parte do próprio ritual do Santuário do Bom Jesus da Lapa. Eles ajudam o romeiro a celebrar a sua cultura, a documentar de maneira oral toda uma tradição. Os textos apresentados nesses trabalhos, retirados do livro *Catecismo dos Romeiros* de Minelvino Francisco Silva não trazem todos os resquícios da oralidade, o linguajar típico da região de origem do canto; a linguagem coloquial. Pelo contrário, a impressão que se tem ao ler os benditos do *Catecismo* é de que houve uma preocupação em aproximar os benditos da norma culta, muitas das vezes limitando e suprimindo certas características do canto, algo que a poesia oral não é, enquanto a poética escrita pode ser mais ou menos econômica (ZUMTHOR, 2007). No entanto, essa correção dada pelo registro escrito não retira o sentido popular do canto e o seu caráter de registro da construção de uma identidade. O ritual de cantar os benditos no altar do Bom Jesus da Lapa é fundamental porque situa a fé dos participantes no que

configura a sua realidade, mas, de acordo Steil (1996) “por causa de sua força performativa, o que os torna essenciais para a construção as identidades dos próprios grupos”, em que a romaria em si pode ser classificada como ato performativo.

### **Considerações**

O Santuário do Bom Jesus da Lapa é, sem dúvidas, patrimônio e monumento do sertão. Sua localização geográfica e o clima da região são os primeiros aspectos a serem considerados para relacionar o templo ao sertão. Mas, o que mais identifica este centro religioso com o sertão é o próprio sertanejo, o romeiro do Bom Jesus.

Nem todo peregrino mora no sertão e poderia ser chamado de sertanejo pelo seu local de origem. O Santuário recebe visitantes de todo o país e até do exterior e para ter identificação com o sertão, num primeiro momento, é preciso morar no sertão. Contudo, pela própria história do culto ao Bom Jesus da Lapa o denominar como o templo do sertanejo, a Meca do Sertão de Euclides da Cunha, cada romeiro ao chegar à Lapa e que se relaciona com os elementos presentes nessa manifestação religiosa.

O Santuário do Bom Jesus da Lapa, dessa forma, assume-se como centro de peregrinação religiosa de cunho popular. Desde sua origem, está ligado aos pobres, escravos e sertanejos. Gente responsável pelas transformações dos ritos católicos e a aglutinação de elementos considerados profanos que dão a tônica de seus rituais e fazem da Lapa um local tão peculiar.

As manifestações religiosas que acontecem no Santuário do Bom Jesus da Lapa também demonstram que a religiosidade é cultura popular, dando voz e vez às muitas tradições que estão se perdendo ao longo do tempo. O rito católico da Lapa do Bom Jesus é expressão da cultura popular e da identidade do sertanejo que sobrevive às transformações da era cibernética.

Assim, o lado popular está em todas as vertentes da cultura, inclusive na religiosidade. Dentre os traços populares da religião estão os benditos, classificados por Câmara Cascudo (2006) como literatura oral, executados pelos milhares de romeiros que visitam o santuário todos os anos.

A tradição dos benditos é antiga e assim como outros rituais que fazem parte da performance do romeiro do Bom Jesus, característicos do sertão, o próprio santuário e a

sua religiosidade o são, pois pensar o sertão a partir da sua religiosidade é reconhecê-lo como elemento fundamental de sua cultura.

E justamente esse ato performativo caracteriza o santuário Bom Jesus da Lapa como um monumento do catolicismo popular e ícone da identidade sertaneja. Enquanto o clero oferece uma programação litúrgica com missas e acesso aos sacramentos, outros grupos de romeiros vão direto ao altar do Bom Jesus cantar sua viagem, seus sofrimentos e louvores em benditos. E, por fim, fora do santuário acontece uma grande festa com muita música, bebida e um mercado que oferece todo tipo de mercadoria: carrancas, os peixes do rio São Francisco, rapadura, requeijão, farinha de mandioca e objetos feitos de couro, além das lembranças do santuário.

Afinal, a fundação e o estabelecimento do culto ao Bom Jesus da Lapa estão intimamente relacionados tanto às raízes históricas do país como também à realidade geoclimática do sertão, às suas características socioculturais e, principalmente, ao modo como o povo do sertão sobrevive. Assim, o santuário se consolida como o lugar de aglutinação, representação e performance da memória coletiva de um cultura expressa nos benditos cantados na Lapa.

### Referências

ALVES, Maria Lúcia Bastos. **A conveniência na convivência: um estudo sobre a romaria de Bom Jesus da Lapa - BA.** 20/05/1993. Natal, RN, 1993. 181p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

BARBOSA, Antônio. **Bom Jesus da Lapa: Antes do Monsenhor Turíbio, no tempo do Monsenhor Turíbio, depois do Monsenhor Turíbio.** Rio de Janeiro: Jotanesi, 1995.

BERND, Zilé. **Literatura e identidade nacional.** 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro.** 12 ed. São Paulo: Global Editora, 2001.

\_\_\_\_\_. **Literatura oral no Brasil.** 2ª ed. São Paulo: Global Editora, 2006.

FERREIRA, Jerusa Pires. **Armadilhas da memória: conto e poesia popular.** Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1991.

FROZONI, Giuliana. **Vamos todos para a Lapa visitar o Bom Jesus: o itinerário da romaria a partir dos benditos cantados pelos romeiros do Bom Jesus da Lapa – Ba.**

01/06/2012. São Paulo: PUC-SP, 2012. 277p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 4 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HOBBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). **A invenção das tradições**. Tradução Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

IBGE. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=290390>>  
Acesso em: 08 fev. 2014.

MUNANGA, Kabengelê. **Construção da identidade negra no contexto da globalização**. In: Delgado, Ignácio et al (Orgs.). Vozes (além) da África. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2006.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PASSOS, Mauro. **A mística do catolicismo popular – a tradição e o sagrado**. In: Experiências e interpretações do sagrado: interfaces entre saberes acadêmicos e religiosos. Anais do Simpósio da ABHR. Vol. 12, 2011. <http://www.nee.ueg.br/seer/index.php/temporisacao/article/view/27/43> <acessado em 24/09/2012>

SILVA, Minelvino Francisco. **Catecismo dos romeiros – benditos de romaria e orações populares**. Bom Jesus da Lapa: Gráfica Bom Jesus.

STEIL, Carlos Alberto. **O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o Santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia**. Petrópolis: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. **Transformações contemporâneas na romaria ao santuário de Bom Jesus da Lapa: entre a peregrinação e o turismo**. In: MARTINS, Paulo Cezar Borges; OLIVEIRA, Sandra Célia C.G.S.S de. (org.) Diversidade religiosa no Brasil Contemporâneo. Goiânia: Kelps, 2013.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção e leitura**. Tradução Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. 2 ed. rev. e ampl. São Paulo: Cosaf Naify, 2007.